

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: O PAPEL DAS MULHERES E DO FEMININO NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: THE ROLE OF WOMEN AND THE FEMININE AT THE END OF THE 19TH CENTURY AND BEGINNING OF THE 20TH CENTURY

Murilo Martins Camelo¹
Marcello Moreira²

Resumo: Júlia Lopes de Almeida foi autora de diversas e relevantes obras, confeccionadas entre os anos de 1886 a 1934. Ela é reconhecida por abordar temas polêmicos para a época e importantes até hoje, como o feminismo e os valores patriarcais. Os romances por ela produzidos são coesos e marcados por sua atuação vanguardista. Eles constituem invariável exemplo da inserção da mulher e do seu papel, muitas vezes desbravador, durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX. Por meio de suas obras, debateu questões problemáticas para o contexto social da época, no esforço de apresentar concepções igualitárias e uma maior relevância do papel feminino, criticando sempre o machismo impregnado de forma estrutural na coletividade, desmistificando a redução da mulher às funções de mãe e esposa somente. Ela foi uma das primeiras fomentadoras da luta pela quebra da barreira de gênero no país, trazendo à baila o protagonismo de suas personagens femininas. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é o de analisar a produção da referida escritora, inserindo-a no contexto político-social da época e apresentando aspectos que fazem com que essa autora e sua obra sejam pertinentes e marcantes para a literatura do final do século XIX e primórdios do século XX. Nesse sentido, dá-se enfoque especial ao papel do feminino nessa época, abordando o quadro da sociedade machista e patriarcal do período, notabilizando-se, assim, a transcendência dos feitos da autora em questão, que serviram a um processo de libertação, de superação da condição de submissão da mulher.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida. Mulher. Patriarcalismo. Feminino.

Abstract: Júlia Lopes de Almeida was the author of several and relevant works, written between 1886 and 1934. She is recognized for addressing controversial topics at the time and still important today, such as feminism and patriarchal values. The novels she produced are cohesive and marked by her avant-garde performance. They constitute an invariable example of the insertion of women and their role, often pioneering,

¹ Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Pós-Graduado em Direito do Estado pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior pela UNIFG. Mestre em Direito pela Universidade Estácio de Sá – UNESA. Discente do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

² Graduado em Letras Vernáculas e Orientais pela Universidade de São Paulo (1988). Mestre em Filologia e Língua Portuguesa (1994) e Doutor em Literatura Brasileira (2000), ambos pela Universidade de São Paulo - USP. Professor Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Docente do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

during the last decades of the 19th century and the beginning of the 20th century. Through her works, she debated problematic issues in the social context of the time, in an effort to present egalitarian conceptions and a greater relevance of the female role, always criticizing the machismo structurally permeated in the community, demystifying the reduction of women to the role of mother and wife only. She was one of the first promoters of the fight to break down the gender barrier in the country, bringing to the fore the protagonism of her female characters. Therefore, the objective of this work is to analyze the production of the aforementioned writer, inserting it in the political-social context of the time and presenting aspects that make this author and her work pertinent and remarkable for the literature of the end of the century. 19th and early 20th centuries. In this sense, special focus is given to the role of the feminine at that time, addressing the framework of the sexist and patriarchal society of the period, thus highlighting the transcendence of the deeds of the author in question, which served a process of liberation, of overcoming women's condition of submission.

Keywords: Júlia Lopes de Almeida. Woman. Patriarchy. Feminine.

1 Introdução

Este estudo é resultado de uma pesquisa em desenvolvimento que tem por objetivo analisar a obra da portentosa escritora Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934), chamando a atenção para o conteúdo fascinante de seus romances, notadamente sobre o papel da mulher no final do século XIX e início do século XX, sobretudo no contexto familiar brasileiro. Essa grande e respeitada romancista brasileira, atualmente pouco conhecida e estudada, foi uma impetuosa combatente dos valores patriarcais daqueles tempos, essencialmente no tocante ao papel da mulher, tanto no âmbito familiar quanto social.

Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida, conhecida no meio literário como Júlia Lopes de Almeida, nasceu na então província do Rio de Janeiro, no dia 24 de setembro de 1862 e morreu em 30 de maio de 1934, aos 72 (setenta e dois anos de idade), na capital da república (Rio de Janeiro). Era filha de Valentim José Silveira Lopes, médico e professor, e de Antônia Adelina Lopes, pianista, ambos de origem portuguesa, nascidos na capital Lisboa. Casou-se com Filinto de Almeida, jornalista e poeta português, em 28 de novembro de 1887, com quem teve dois filhos, Afonso e Albano.

É evidente o legado literário de Júlia Lopes de Almeida, apesar do olvidamento dos leitores contemporâneos, posto que ela é uma das principais figuras femininas da literatura brasileira, que

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

compartilhava ideias e atitudes que fugiam das imposições que imperavam naquele momento histórico, mostrando-se sempre preocupada com a condição feminina. Essa grande romancista se dividia entre os encargos domésticos e a sua paixão pela escrita. Conforme atesta Salomoni (2000, p. 31), “segundo artigos, publicados após sua morte, e entrevistas dadas em vida, foi mãe extremada, esposa solidária, dona de casa atenciosa e ciente de seus deveres, valorizando a figura da mulher dentro da estrutura familiar”. Dessa forma, observa-se que os atributos lançados a essa escritora, relativos tanto à vida pessoal quanto profissional, direcionam-na a uma importante posição, ou seja:

[...] a de uma mulher que cumpriu os papéis socialmente destinados a ela e, ainda assim, deixou um legado para as novas gerações, denunciando de várias maneiras, a hipocrisia nas relações sociais, podendo ser considerada uma das primeiras feministas do Brasil para muitos (SILVA & PINHEIRO, 2018, p. 3).

Além disso, os autores Silva e Pinheiro acrescentam que:

O enaltecimento do ingresso da mulher à educação básica e formal era dos pontos primordiais da escrita dessa autora, ela acreditava que este não deveria ser visto como um desperdício, já que, no final de tudo, o destino de todas as mulheres daquela época era o casamento, o cuidado da casa e a criação dos filhos. Nestes ideais, estava embutida a preocupação com o tipo de cidadão formado para atuar na sociedade da época (SILVA & PINHEIRO, 2018, p. 3).

Nessa perspectiva de deslindamento da importância da educação feminina, Júlia Lopes de Almeida, na obra *Livros das donas e donzelas*, apresenta uma pequena descrição da mulher brasileira:

Mas não tivesse ela [a brasileira] capacidade para a luta e ainda as portas das academias não se lhe teriam aberto nem teria conseguido lecionar em colégios superiores [...] Apesar da antipatia do homem pela mulher intelectual, que ele agride e ridiculariza, a brasileira de hoje procura enriquecer a sua inteligência frequentando cursos que lhe ilustrem o espírito e lhe proporcionem um escudo para a vida, tão sujeita a mutabilidades [...] (ALMEIDA, 1906, p. 36).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Nota-se, portanto, que essa escritora travou uma luta em favor dos direitos da mulher, criticando o contexto social no qual estava inserida. É bem verdade que tais ideais e inquietações, ainda hoje, não foram totalmente superados, o que faz com que os trabalhos dessa autora continuem atendendo aos anseios de pessoas dos mais diversos níveis sociais, ao mesmo tempo em que, no final do século XIX e início do século XX, promoveu uma verdadeira revolução, trazendo à tona uma conduta jamais imaginada e sequer permitida a uma mulher naquele contexto. Por esse ângulo, De Luca afirma que:

Júlia Lopes, na medida em que se fazia apreciar e respeitar pela intelectualidade de seu tempo, abria para as brasileiras um novo espaço, antes vedado a elas – realizando assim a façanha de tornar-se uma verdadeira profissional das letras, num terreno monopolizado pelos homens (DE LUCA, 1999, p. 280).

Não se deve esquecer que o final do século XIX e primórdios do século XX constituem o marco inicial acerca do debate de gêneros, com a assinalação do sexo designando as distinções entre o macho e a fêmea e, na mesma proporção, o gênero estipulando a construção cultural que delineia o ser homem e o ser mulher. Apesar de tudo isso, a atribuição cultural do feminino continuou sendo meramente a de esposa, de mãe e de dona de casa. Por esse prisma, destaca Nader:

A estrutura da família patriarcal brasileira e a mentalidade formada em torno dela constituíram a base de apoio na qual se assentaram os pontos básicos da organização de nossa sociedade [...] os preceitos da família patriarcal brasileira intervinham quase que totalmente na vida de seus membros e determinavam os padrões morais de cada sexo (NADER, 2007, p. 41).

Sob a influência desse contexto, Júlia Lopes de Almeida escreveu dez romances, a saber: *Memórias de Marta* (1889), *A família Medeiros* (1891), *A viúva Simões* (1895), *O caso de Ruth* (1897), *A casa verde* (1898), *A Falência* (1901), *A Intrusa* (1905), *Cruel Amor* (1908), *Correio da roça* (1909) e *A Silveirinha* (1912). Em tais obras, apesar das relações matrimoniais terem considerável espaço, a autora eleva à condição de destaque as conexões de parentescos, amizades e

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

vínculos interpessoais entre mulheres, em oposição à colocação em que as personagens femininas eram geralmente postas em produções literárias clássicas da época, que privilegiavam a relação afetiva e de dependência das mulheres em relação aos homens, conforme preconiza Trevisan (2017, p. 2): “suas personagens femininas eram postas como protagonistas, entrelaçando afinidades ou conflitos e se movimentavam em torno desses aspectos, influenciando umas às outras em suas formas de agir e pensar”.

Nessa perspectiva, observa-se que Júlia Lopes de Almeida dedicava-se com afinco aos seus romances, posto que escrevia com profundo comprometimento e abrangência, para que suas personagens, as mulheres protagonistas, ganhassem destaque e respeito de seus leitores. Face a isso, pretende-se, com esse trabalho, mesmo que de maneira incipiente, expressar a importância de Júlia Lopes de Almeida, que foi uma das primeiras fomentadoras da luta pela quebra da barreira de gênero no Brasil, notabilizando o protagonismo de suas personagens femininas. Para tanto, propõe-se analisar, de uma maneira geral, a sua produção literária, sem perder de vista o contexto político-social da época (final do século XIX e primórdios do século XX). Nesse ínterim, vale a pena salientar que a obra da autora em foco contrapunha-se ao conservadorismo e ao patriarcalismo impregnados nas relações sociais e os quais se faziam notar, outrossim, na literatura, em que predominava a existência de autores e personagens masculinas ocupando destaque. Daí a relevância da produção da autora, que serviu a um processo de libertação e de superação da condição de submissão da mulher.

2 A atribuição reservada às mulheres no contexto social do final do século XIX e início do século XX e a postura de Júlia Lopes de Almeida que, por meio das personagens existentes em suas obras, propulsou a luta pelos direitos das mulheres dentro das limitações das conjunturas da época

Enfatiza-se, preliminarmente, que este trabalho não tem o objetivo de aprofundamento dos conteúdos dos temas indicados, mas tão-somente tenciona perscrutar a possível correlação entre a luta pelos direitos das mulheres e a natureza bibliográfica das obras literárias produzidas por Júlia

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Lopes de Almeida, notadamente no que se refere ao protagonismo de suas personagens femininas. Para tanto, explanar-se-á sobre essa autora, perpassando, sinteticamente, por alguns aspectos de suas obras literárias, sendo que, após a realização desses primordiais apontamentos, será demonstrado o que se pode chamar de trilha inicial de uma luta pela proteção dos direitos femininos, ainda mais quando verificado o cenário social da época.

Sabe-se que o século XIX, assim como o início do século XX foram chancelados por um sistema patriarcal, conservador e repressor que impossibilitava o debate sobre a relação de gênero e o tratamento das mulheres. Em outras palavras, as relações sociais e familiares eram alicerçadas a partir da concepção masculina, cenário no qual o papel da mulher era totalmente submisso à vontade do homem, refletindo, conseqüentemente, interesses/disposições machistas enraizadas na estrutura social da época (diga-se de passagem, existente, de certo modo, até os dias atuais). Tal cenário impedia refutações de qualquer espécie por parte das mulheres, isto sem falar de todo o conservadorismo social, o qual as reduz à condição de servas da família e do homem, enquanto estes são apenas provedores do lar.

Retratando essa preocupação da autora, De Luca expõe que:

Já em seus primeiros escritos, Júlia Lopes revela preocupação com a condição feminina, opondo a frivolidade e a apatia das mulheres de classes abastadas (frequentadoras dos salões) à sobriedade e à atividade da mulher humilde, que trabalha para prover a subsistência. Perpassando a questão das diferenças de *status*, denuncia-se a desalentadora situação da educação feminina no Brasil: às meninas, ao contrário do que ocorria com os seus pares masculinos, só se ministravam lições rudimentares – com ênfase no desestimulante aprendizado dos afazeres domésticos (DE LUCA, 1999, p. 290).

Nesse particular, constata-se que o final do século XIX e primórdios do século XX constituem um período de enormes transformações no mundo, particularmente no Brasil, visto que, nos anos que englobam esse hiato temporal, teve início a industrialização clássica e o período do imperialismo em que havia uma busca incessante por matéria-prima e mercado consumidor. Destarte, foi exatamente

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

nessa época que ocorreu a segunda revolução industrial, com o surgimento de grandiosas linhas de crédito, expansão das empresas, surgimento de novas vagas de emprego, crescimento das cidades, entre outras circunstâncias. Diante dessas especificidades que ocorreram nesse espaço de tempo destacado, principiou-se uma alteração em relação ao desempenho das mulheres no Brasil, visto que deixaram de realizar somente as ocupações domésticas para trabalharem nas indústrias, que fervorosamente abriam vagas de emprego.

Por conseguinte, nesse ambiente, a mulher sempre foi atrelada à concepção de um ser frágil, delicado e vulnerável, simplesmente pela sua condição feminina, tendo sido, ao longo dos tempos, subjugada e submetida a um papel de inferioridade em relação ao homem, diga-se de passagem, cujo destino social já era definido desde o nascimento, sendo-lhe reservadas apenas as incumbências de ser mãe, dona de casa e obediente aos seus pais, marido e filhos, segundo Saffioti (2013, p. 17/18), “A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica, visto que a obediência da mulher ao marido era uma norma ditada pela tradição”. Nesse sentido, também afirma Duarte que:

[...] as mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão. O sujeito que fala é sempre masculino, na literatura, na lei, na tribuna e em quaisquer lugares. A ele são reservados os lugares de destaque, tornando o homem mais visível (DUARTE, 2003, p. 174).

Dessa forma, ainda sobre o destino que era imposto à mulher, adita Duarte:

Toda educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes úteis, se fazerem amar e honra por eles; educar os jovens; cuidar dos grandes; aconselhá-los; consolá-los; tornar-lhes a vida agradável e doce, eis deveres das mulheres em todos os tempos, e é o que devemos ensinar-lhes desde a infância (DUARTE, 2003, p. 94).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Foi nesse contexto que se destacou, com a sua produção literária, a romancista Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que atingiu, na virada do século XIX para o século XX, unanimemente, a condição da mais importante mulher-escritora do Brasil, chegando a ser apontada como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis e precedeu a eclosão do movimento modernista. Todavia, a verdadeira glorificação da autora no primeiro quarto do século XX contrasta com o seu esquecimento pelos nossos contemporâneos – situação de se lamentar, principalmente quando recordado que ela defendeu pontos de vista abertamente de luta pelo feminino e contrários ao conservadorismo da sociedade da sua época.

Mesmo distanciada de uma postura revolucionária no que tange aos equilibrados pontos de vista que advogava, Júlia Lopes de Almeida temperava as opiniões expressadas com firmeza, desde seus escritos iniciais, com uma delicada mescla de elegância e simplicidade. Ela foi autora de diversas e relevantes obras, confeccionadas entre os anos de 1886 a 1934. Além disso, foi reconhecida por abordar temas polêmicos para a época e importantes até hoje, tais como o abolicionismo, os valores patriarcais, conservadorismo social e preconceitos.

Os romances por ela produzidos são coerentes com sua atuação vanguardista. Eles constituem invariável exemplo de inserção da mulher e de seu papel, muitas vezes desbravador, na sociedade durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX. Essa romancista debateu e opinou, por meio de suas obras, sobre questões problemáticas para o contexto social do período, na tentativa de apresentar concepções igualitárias e de conferir um status de maior importância ao papel feminino, nunca se esquecendo de apontar o machismo impregnado de forma estrutural na coletividade.

Ademais, ela foi uma das primeiras escritoras brasileiras que, desde muito jovem, se dedicou com reconhecido talento às letras, sendo que a sua reputação de fina e singular intelectualidade ecoou pelo Brasil e por todo o mundo. Foi, portanto, uma das primeiras fomentadoras da luta pela quebra da barreira de gênero no país, tudo isso demonstrado pelo protagonismo de suas personagens femininas retratadas em seus livros.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Del Priori (2020, p. 402) enfatiza que “o século XIX foi o século do romance”. A partir daí, foram deixados de lado os tipos humanos genéricos, retratados nas personagens da literatura da época, para que, por conseguinte, fossem utilizados os espaços cotidianos como cenários das narrativas. Nesse aspecto, a produção literária tornou-se diversificada, de modo que os romances escritos passaram a apresentar enredos, contextos sociais peculiares, como também riqueza nos detalhes das circunstâncias históricas e, sobretudo, das personagens.

Constata, ainda, Del Priori que:

[...] foi a partir dessa época que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas. Tiveram primeiro de aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional (DEL PRIORI, 2020, p. 403).

Desse modo, resta evidente que as mulheres foram excluídas, por muitos anos, inclusive no período destacado anteriormente, do processo de criação cultural, estando a todo momento sujeitas à autoridade masculina, inclusive no campo literário, onde predominavam homens. Asseverando tudo isso, arremata Del Priori:

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera. [...]. No século XIX, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que ‘bonecas’ ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava. Mesmo assim, nesse período as mulheres escreveram e escreveram bastante (DEL PRIORI, 2020, p. 408).

Com base em toda essa conjuntura, Del Priori (2020, p. 414) aponta que, entre as novas formas de família que surgiram a partir do início do século XIX até o século XX, a família monoparental feminina foi uma das que mais contribuíram para a reformulação dos papéis do homem e da mulher na sociedade, em especial na chefia da família, pois, com a dissolução dos casamentos ou com a viuvez, elas passaram a ser provedoras do lar. E é nesse contexto que Júlia Lopes de Almeida desenvolve suas obras literárias, tendo a mulher sempre no mais alto grau de protagonismo, posto que a ficção passar a retratar o feminino pelo prisma dos seus direitos, conforme pode ser verificado, em especial, nos romances: *A falência*, *A família Medeiros* e *A viúva Simões*.

Dessa forma, pode-se verificar que, em *A família Medeiros*, por exemplo, ganham destaque as relações de amizade entre algumas mulheres retratadas na obra, causando até mesmo incômodo ao patriarca da família, o comendador Medeiros, na medida em que essas mulheres, além de ocuparem tarefas para além do casamento, também fomentam uma crítica ao matrimônio como uma amostra de espaço de abnegação feminina. Nesse cenário, a protagonista Eva, que é identificada, na obra em apreço, como uma jovem abolicionista e proprietária de uma fazenda de elevado valor, como traço épico da trama, é também sobrinha do comendador Medeiros, homem machista, conservador e retrógrado. Assim sendo, no desenvolvimento do enredo traçado por Júlia Lopes de Almeida, Eva se recusa a se submeter ao um casamento arranjando, sem amor, refletindo da seguinte maneira o seu pensamento:

Para se retirar de Santa Genoveva, deveria, pois, casar-se. O marido seria seu escudo; ela inteligente, altiva, honesta, não tinha direito nem podia assumir a responsabilidade de seus atos! Era necessário que um homem qualquer, embora de menos escrupulos, ou de espírito inferior ao seu, a tutelasse, lhe desse um nome,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

talvez, menos limpo, menos honrado e menos digno do que o dela; sem o amar, sem lhe poder dar uma felicidade perfeita, ela teria de sujeitar-se a sua vontade, ao seu capricho, ao seu domínio, sacrificando a alma no exercício de mentirosos deveres (ALMEIDA, 2009, p. 247).

Por seu turno, em *A falência*, conforme preconiza De Lucca (1999, p. 283), “é narrada uma história cujo caráter escandaloso não impediu sua disseminação na época”. A trama desenvolve-se no Rio de Janeiro do início dos anos 1890, e o enredo parte de um caso concreto, a falência, seguida do suicídio de uma das personagens, o Francisco Teodoro. Sumariamente, este é um rico comerciante que vive num palacete do bairro do Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, em companhia da esposa Camila, dos quatro filhos e de uma agregada, sobrinha de Camila. O cotidiano dessa família é regido pela ostentação. Teodoro conquistou, a duras penas, posição social e riqueza, pois era de origem pobre e emigrante português que se erguera da condição de humilde caixeiro a de dono de um dos maiores entrepostos de café do Brasil.

Em dado momento, Francisco Teodoro acaba investindo em transações de alto risco, perdendo, assim, toda a sua fortuna. A humilhação imposta pela falência vem somar-se à sensação de impotência, pois só sabe prover a felicidade da família por meio do dinheiro, fruto das diretrizes do conservadorismo da sociedade daquela época. Conseqüentemente, sobrevém-lhe apenas o recurso de suicidar-se. Aos familiares desamparados, todas mulheres, resta a única alternativa de refugiarem-se numa casinha modesta, onde iniciam uma nova vida de desprendimentos e sacrifícios, sendo que a sobrinha agregada se torna costureira e a filha mais velha passa a dar aulas particulares, enquanto Camila assume a missão de alfabetizar as filhas menores.

Paralelamente à trama central exposta, o livro disseca as condições que propiciaram o adultério de Camila, que traía Teodoro, seu esposo, sem que ele percebesse. Nesse pormenor, é imperioso destacar que Teodoro era incapaz de relacionar-se com as pessoas sem a intermediação monetária, a imposição do dinheiro, situação essa muito comum em uma sociedade marcada pelo conservadorismo, como é exatamente aquela retratada na obra. Dessa forma, Teodoro não conseguia dar amor à sua esposa. Esta, por sua vez, abandonada afetivamente, sentia-se no direito de procurar

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

afeto nos braços de outro homem, tornando-se amante do médico da família. Contudo, a viuvez naquelas circunstâncias trágicas levou-a a repelir a condição de amante e a planejar uma união legal com o mencionado médico. Ele, porém, revela já ser casado, não se dispondo a consorciar-se com ela. Essa nova circunstância traumática sofrida pela protagonista reacende nela o amor próprio, levando-a a romper aquele relacionamento para dedicar-se com maior empenho à vida familiar, como se pode depreender do trecho da obra que se segue:

Camila soluçava. Ele voltou-se sem saber como cortar aquela agonia. Nunca o coração daquela mulher lhe parecera tão impenetrável, nunca a sua psicologia tão obscura. Esperava vê-la raivosa, assustada pela perspectiva da ruína, reagindo com fúria contra aquela decepção tremenda. Era evidente que ela se tinha casado por interesse, não seria extraordinário que se julgasse agora roubada... Entretanto, só nos primeiros instantes Camila tinha pensado em si, no egoísmo a que a vida a acostumara; mas a dor da compaixão viera e depressa manifestava-se mais abundante (ALMEIDA, 2019, p. 176).

Posto todo esse contexto, é sobremaneira importante notar o tratamento dispensado pela autora a assunto tão melindroso como esse atinente ao adultério. Isso chama bastante atenção, uma vez que ela se exime de julgar o comportamento de Camila, demonstrando preocupação em analisar e compreender a situação daquela mulher que, imersa num ambiente inóspito e sem qualquer reciprocidade amorosa, adotara ela também um comportamento amoral e ambíguo. Portanto, são detectadas as contradições de uma sociedade na qual o machismo, o conservadorismo e a hipocrisia determinavam a existência de códigos diferenciados de conduta para homens e mulheres.

Já na obra *A viúva Simões*, o enredo gira em torno da relação entre mãe e filha da alta burguesia que são completamente apaixonadas pelo mesmo homem. Ao se referir a essa trama exposta na obra, Del Priori (2020, p. 438) assinala que: “No conflito, a mãe experiente e conhecedora das artes da sedução e a filha inocente e ingênua, as duas enlouquecem e permanecem encarceradas nos anseios e culpas de uma vida sem nenhuma perspectiva, a não ser a regra social do casamento”. Essa relação conflituosa pode ser vislumbrada no seguinte trecho da obra:

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Sara continuava chorando enraivecida contra a mãe. Por que consentira ela em receber o Rosas? Por que mudava de dia para dia o seu caráter? Por que se ocupava agora tanto consigo, passando horas no seu quarto, sozinha, fugindo da companhia dos outros e aparecendo depois toda cheirosa, fresca como a flor apenas desabrochada? Que mistério seria esse que ia afastando dela, evidentemente, todo o carinhoso e doce amor de Ernestina? Que falta teria ela cometido? Por que se adivinhava tão só? [...] Ernestina não sofria menos. A indignação da filha exasperara-a, mas a sua submissão depois tinha-a comovido. Afinal reconhecia razão na moça e chega a envergonhar-se do seu procedimento. O Rosas tinha sido um inimigo acérrimo do marido (ALMEIDA, 2020, p. 60-61).

Perante o exposto, reconhece-se que, diante do quadro social, histórico e interrelacional da época (final do século XIX e início do século XX), cujas características notabilizaram-se por um conservadorismo exacerbado, um machismo cruel, um patriarcalismo rigoroso e hostil, assim como uma segregação de gênero – visto que as mulheres eram tolhidas do mais básico acesso à educação e exerciam papéis de submissão e inferiores aos homens –, fica evidente a importância da célebre romancista Júlia Lopes de Almeida. Esta célebre autora preocupou-se, magistralmente, com a redefinição do lugar da mulher na sociedade, amplificando o que nos dias de hoje parece óbvio, isto é, o potencial das mulheres no sustento de suas famílias, no sentido de serem fortes psicológica e afetivamente, e, por fim, de serem resilientes no enfrentamento dos problemas e tragédias impostas pela vida, não se esquecendo do fato de que elas sentem desejos, podendo amar e ser amadas sem os julgamentos impostos pela sociedade que, diga-se de passagem, não são direcionados aos homens. Desse modo, é inegável que essa autora inaugurou a trilha para uma luta pelos direitos das mulheres no Brasil com o intuito de edificar um contexto social mais igualitário entre homens e mulheres.

3 Considerações finais

Mais do que qualquer outra escritora do seu tempo, Júlia Lopes de Almeida obteve o reconhecimento público e desempenhou um inquestionável papel progressista, especialmente em

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

relação à função da mulher e à construção de um feminismo no fim do século XIX e início do século XX. Por meio do protagonismo de suas personagens femininas, obviamente dentro dos parâmetros possibilitados pelo contexto histórico-social da época, não há dúvidas de que a sua literatura ficcional encena a vida real, ou seja, as vivências e acontecimentos da vida cotidiana, tornando-se uma experiência de retratação daquilo que, comumente, ocorre na sociedade, seja em aspectos do dia a dia das pessoas, seja por meio da representação de episódios de sofrimentos, traumas, superação e resiliência dos indivíduos perante fatos negativos de suas próprias vidas. A autora em destaque provou que tudo isso pode ter como centro as mulheres, e não somente os homens, transgredindo, desse modo, todo o mecanismo patriarcal, conservador, machista e segregador que propulsava a sociedade da sua época.

Assim posto, observa-se pela pesquisa que ora se dá a ler que, no final do século XIX e início do século XX, a mulher é um mero instrumento de comando dos homens. Portanto, a partir dos estudos até então realizados, que não possuem a intenção de encerrar tão importantíssimo debate, nota-se que Júlia Lopes de Almeida, desconhecida por muitos atualmente, teve papel primordial nas discussões de gêneros e outros temas relevantes atinentes ao papel da mulher no período destacado. Em suas obras, são evidenciados conteúdos espinhosos e, ao mesmo tempo, de suma importância, como o papel da mulher no casamento e o adultério, tudo isso no cenário de uma sociedade patriarcal e que marginaliza a mulher a papéis inferiores e de submissão ao homem/marido.

Finalmente, é relevante considerar que Júlia Lopes de Almeida, além de ter descortinado todo o seu potencial artístico e intelectual, logrou gradativamente, com seus romances e o protagonismo de suas personagens femininas, um espaço tanto para si, no que concerne ao mundo literário da época, ocupado esmagadoramente por homens, quanto para a mulher brasileira. Ela levou, por meio dessas mesmas personagens, a sociedade brasileira a questionar, mesmo que de forma incipiente, a vida e as condições da mulher, tendo em vista a abordagem de temas polêmicos, como adultério, afetividade, felicidade feminina desagregada de suas funções familiares, poder de comando e sustento do lar. Tudo isso contrapôs-se ao conservadorismo, machismo, patriarquismo e sexismo entranhados na sociedade

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

brasileira, principalmente no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XX. Com isso, ela ajudou a destroçar a hipocrisia de uma sociedade em que não há igualdade de direitos entre homens e mulheres, edificando, desse modo, um feminismo dentro de todo esse contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Julia Lopes. **Livro das Donas e Donzelas**. Desenhos de Jeanne Mahieu. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C.^a, 1906.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A falência**. 2^a ed. Jandira, São Paulo: Principis, 2019.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A viúva Simões**. 2^a ed. Jandira, São Paulo: Principis, 2020.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A família Medeiros**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

DE LUCA, Leonara. **‘O feminismo possível’ de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)**. Cadernos Pagu. Campinas, n^o 12, 1999, p. 275-299. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Estud. av. vol. 17. n^o 49. São Paulo, 2003, p. 151-178. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

NADER, Maria Beatriz. **Composições familiares e gênero: a historiografia brasileira em foco (completo)** In: XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL, Ilhéus, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/MARIA%20BEATRIZ%20NADER.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2^a ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. **Sob o olhar do narrador:** representações e discurso em a Silveirinha (crônica de um verão) de Júlia Lopes de Almeida. Porto Alegre: 2000.

SILVA. Sumaia Calderão da; PINHEIRO, Alexandra Santos. **Escritora e testemunha:** Júlia Lopes de Almeida e a transição do século XIX para o XX. Revista Água Viva, V. 3, nº 3, edição especial, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/18979>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

TREVISAN, Gabriela Simonetti. **A subjetividade e amizade feminina nos romances de Júlia Lopes de Almeida.** Revista Fazendo Gênero, 2017. p. 01-12. Disponível em: < http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498854094_ARQUIVO_Textocompleto-GabrielaSimonettiTrevisan-FazendoGenero11.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2018.